



OS MUSEUS ENQUANTO ESPAÇOS DE MEMÓRIA: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL.

Autor: José Evanilson de Freitas Lima¹

Co-Autor: Maria Helena Tuanne Queiroz²

Orientadora: Doutora Maria Lindaci Gomes de Souza³

Os museus são uma das instituições mais antiga da humanidade, local que possui sua historicidade que constroem identidade a partir do contexto em que estão inseridos. Este artigo trata da construção da memória e identidade dos campinenses geridas, através dos seus contatos com os espaços museais em Campina Grande. O nosso objetivo é de analisar as instituições museológicas enquanto locais que podem respaldar o ensino de história local. Neste sentido chamamos atenção para as ações educativas desenvolvidas, a partir da relação entre o museu e a escola com ênfase as iniciativas pedagógicas que contemplam os conteúdos, a qual reforce a identidade dos campinenses a partir da história local, tendo em vista sua importância, na preservação e potencialização dos elementos culturais no contexto cidadão. Em nossa pesquisa buscamos identificar como os espaços museológicos se caracterizam como construtores da identidade local. Como referencial teórico, utilizamos de Hall (2006), que discute o conceito de identidade. Além dos estudos bibliográficos de Oriá (2004), Almeida e Vasconcellos (2004), e Suano (1986). Nossa metodologia parte de pesquisas de campo e do respaldo da internet, através de blogs e sites, que discutem com a temática patrimonial, além disso, usamos de um referencial bibliográfico, a qual enriquece o nosso texto.

Palavras Chaves: Museu; ensino de história; identidade.

¹ Graduando em licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista (UEPB) PIBIC/CNPq. E-mail: evanilson.freitas@hotmail.com

² Graduanda em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. (UEPB). Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: helenaqueiroz93@gmail.com

³ Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba.



INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de um projeto de pesquisa PIBIC/CNPq cota 2014/2015 da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB denominado por “Cidade visível e invisível: uma releitura do patrimônio de Campina Grande através da memória, dos museus e da gastronomia” orientado pela professora doutora Maria Lindaci Gomes de Souza. A proposta do nosso texto é de analisarmos a importância da educação patrimonial no ensino de história local, na educação básica. Pois, os museus são uma das instituições mais antigas da humanidade que carregam a memória da localidade onde estão localizados, sendo assim Campina Grande, não está imune destes recintos. Através da pesquisa, ora em andamento identificamos uma diversidade na temática museológica, espalhada em nossa cidade, fazendo com que nos motivassem para tomarmos conhecimento da cultura imaterial, configurada nos recintos museais, por isso buscamos refletir a importância do estudo da cultura local.

Para a realização da nossa pesquisa trabalhamos a partir dos conceitos de museu segundo os estudos de Suano (1988), Julião (2006) e Coelho (2009), identidade, conforme Hall (2006) e patrimônio cultural de acordo com as pesquisas de Oriá (2004).

Respaldamos da internet, a partir dos sites e blogs que trabalham com a temática museológica, configurando-se assim, como nossa fonte de pesquisa, além de um referencial biográfico, que nos dar um suporte teórico em nossos estudos.

Nosso respectivo encontra-se organizado em dois momentos, assim estruturado: no primeiro momento fazemos uma contextualização do significado da palavra museu e sua história, e no segundo abordaremos os benefícios da educação museológica no ensino da história local na educação básica.

A ORIGEM DOS MUSEUS

Segundo a Suano (1986), em sua obra “o que é museu”, a palavra museu originou-se na Grécia Antiga, porém, essa denominação não possuía para essa época o significado que existe nos dias de hoje, ao longo do tempo o mesmo foi adquirindo significados diversos.

“Na Grécia Antiga mousseion, ou casa das musas, era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado sobretudo para o saber filosófico”. (SUANO, 1986, p 10). Na mitologia grega as musas eram filhas de Zeus com a divindade da memória a Mmemosine. O espaço do mousseion tinha como objetivo descansar para que o homem pudesse dedicar a contemplar as ciências e as artes. Suano discorre que foi apenas na dinastia dos Ptolomeus, no Egito Antigo, que o mousseion da Alexandria obteve uma segurança econômica, a qual assegurou a sua formação e que sua preocupação era do saber enciclopédico.

Buscava-se discutir e ensinar todo o saber do tempo no campo da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, geografia etc. O mousseion de Alexandria possuía, além das estátuas e obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais raros, presas de elefante, pedras e minérios trazidos de terras distantes, etc. E dispunha de bibliotecas, anfiteatro, observatório, salas de trabalho, refeitórios, jardim botânico e zoológicos. (SUANO, 1986, p 11).

No período romano as coleções tinham uma finalidade diferente da Alexandria, além de demonstrar as riquezas, também possuíam a intenção de evidenciar a força dos rivais conquistados. Sendo assim, as coleções romanas assumiam a condição de expor o domínio dos romanos sobre os inimigos.

Na idade Média, o colecionismo ganha uma nova fase, neste período a igreja católica, por ser a instituição de maior poder a mesma passa “a ser a principal receptora de doações eclesiásticas e de patrimônio de príncipes e famílias abastadas da época, e também formou verdadeiros tesouros, como o famoso tesouro de São Pedro” (COELHO, 2009, p 9).



De acordo com a Coelho (2009), os museus do período medieval conservavam os conhecimentos humanos que serviam de inspiração aos artistas e ao mesmo tempo tinham a finalidade para uma reprodução estética de aprovação da Igreja, motivo este pelo o qual estes espaços possuíram aspectos religiosos.

O colecionismo por volta do século XV foi marcado pelo o renascimento tornando assim, moda em toda a Europa. Nesta época o homem viveu uma revolução nas ciências e juntamente com a experiência da expansão marítima, que apresentou ao homem um novo mundo, segundo a Julião (2006). As coleções principescas surgem no fim do século XIV, porém elas são enriquecidas nos séculos XV e XVI, vale ressaltar que os gabinetes de curiosidades e as coleções científicas surgem também nessa mesma época e os seus espaços eram constituídos por seres exóticos trazidos de terras distantes, com o decorrer do tempo as tais coleções vai ganhando uma organização.

As coleções que entre os séculos XV e XVIII, emergiram posteriormente e tornaram museus, conforme a concepção que existe atualmente, entretanto, em sua origem as coleções eram de exclusividade dos seus proprietários, ou seja, o público não tinha acesso aos objetos. As pessoas passam a obter acesso a partir do final do século XVIII, dando assim, emergência aos museus nacionais.

Várias das coleções que emergiram entre os séculos XV e XVIII, se converteram posteriormente em museus da forma, que conhecemos atualmente, vale salientar, que em seus primórdios não estavam acessível ao público sendo de exclusividade dos seus proprietários. É a partir do final do século XVIII, que as pessoas obterão acesso às coleções, dando inicio a emergência dos museus nacionais.

É durante o período da Revolução Francesa, que a compreensão do patrimônio cultural



é destacada, pois é estimulado o orgulho pelo o passado, ocorrendo assim, um orgulho nacionalista. Vemos então, que o patrimônio cultural torna um elemento para representação da identidade nacional.

Conforme, a Coelho (2009), o Ashmolean Museum, de Oxford, localizado na Inglaterra, inaugurado em 1683 foi o primeiro museu público europeu, as peças dessa instituição foram doadas por John Tradescin a Elias Ashmole. Porém, o acesso ainda ficou restrito, apenas aos especialistas e estudantes universitários mantinha acesso ao local.

A HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DOS MUSEUS

Devido ao Brasil ser um país pluricultural, ou seja, um local que existem diversas formas de expressões e interpretações culturais, onde todas as etnias produzem cultura, sendo assim, vemos que esta diversidade produz peculiaridades regionais onde os sujeitos possuem histórias, costumes, comidas, vestimentas diferenciadas e sotaques, apesar de suas particularidades todos são brasileiros. Todos esses elementos constituem nos brasileiros uma cultura rica e diversificada.

Hall (2006), em sua obra “a identidade cultural na pós-modernidade” discorre que a identidade esta atrelada a cultura nacional. Ao mencionarmos que somos brasileiros, americanos ou portugueses não possuímos essas identidades em nossos genes, entretanto, tratamos como algo fundamental em nossa razão de existir e viver. O autor esclarece que ao nascermos à identidade não vem pronta ela é formada por todos que se encontram ao nosso redor:

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional (HALL, 2006, pp 45-46).

Partindo da afirmação de Hall, observamos que a cultura nacional em sua construção homogeneizou as peculiaridades de uma nação evidenciando apenas uma identidade padronizada, de uma determinada pátria, porém o autor nos salienta que muitas nações possuem suas especificidades, e que isso forma a cultura de um país, por exemplo, o Brasil em seu interior abriga diversas culturas regionais através da identidade local. Podemos então compreender que a identidade possui particularidades, isso fica evidente em cada região que possui traços específicos que ajudam a identifica suas características. Os espaços museais são locais, que podemos localizar a memória local.

Percebermos o quanto é importante os estudos realizados em torno da temática museológica, pois, podemos conscientizar a população que essas instituições são espaços guardiãs da nossa memória local e, por isso, esses recintos devem ser evidenciados pelos os meios de comunicações e os espaços escolares.

Almeida e Vasconcellos (2004), em seu texto “por que visitar museus?” discorre a relevância de visitar os museus, pois a partir dessa prática encontramos nesses recintos uma diversidade de temas expostos que nos ajudam a compreendemos a nossa história local, por exemplo, em Campina Grande o Museu do instituto histórico e geográfico localizado no Centro da cidade possuem peças que carregam a memória de nossa localidade, ou seja, os acervos apresentam um discurso, que é contado a partir de suas exposições realizadas nas instituições museológicas, porém os autores nos chama atenção para a seguinte problemática:

Há um problema quanto a concepção das exposições que os próprios museus reforçam frequentemente. Muitas vezes elas são apresentadas como uma reunião de objetos em vitrinas com etiquetas informativas, o que concorre para uma total dipersão e desinteresse do público visitante e para forma a imagem dessas instituições, consideradas como ‘lugar de coisas velhas e distantes’ e sem sentido para a vida de alunos. (ALMEIDA & VASCONCELOS, 2004, p 106).



Partindo da citação de Vasconcellos e Almeida, não basta apenas expor o acervo, é preciso contextualizá-los, para que os mesmos não sejam apenas objetos ilustrativos e sim peças valiosas que carregam a nossa história, que devem ser contada a partir do ensino de história.

Vemos então, que os museus são locais que compõem parte da memória de uma determinada região e sendo assim, são configurados como patrimônio cultural. De acordo com o Oriá (2004), em seu artigo “memória e ensino de história” o patrimônio cultural está dividido em três categorias de elementos: o primeiro são os elementos naturais ou do meio ambiente nesta respectiva categoria abrigar os rios, vales, montanhas e tudo que se encontram ligados à natureza, a segunda categoria denomina por bens culturais nessa encontramos todos os elementos do saber fazer do homem, ou seja, “toda capacidade da sobrevivência do homem em seu meio ambiente”. (ORÍÁ, 2004, p 133). A terceira categoria é defendida pelo o Oriá, como sendo a mais importante das três, pois os bens culturais a exemplo dos artefatos, obras e construção são obtidos a partir do uso dos elementos naturais junto com o saber fazer humano.

O autor chega então, a conclusão que o patrimônio cultural pode ser considerado como todos os elementos históricos, ecológicos, científicos e artísticos. Oriá define um tripé ao patrimônio cultural, respaldos através de dimensões: ecológica, histórico-artístico e documental. Sendo assim, vemos que o conceito de patrimônio não restringe apenas aos prédios edificadas e sim a todos os bens produzidos com o decorrer do tempo pelo o homem.

Em consonância com o conceito de patrimônio cultural, definido pelo o Oriá (2004) podem incluir então os museus, que são espaços a qual, encontramos objetos produzidos pelo o homem e que fazem parte do acervo da instituição, que tem o propósito de apresentar a história de um determinado período daquela localidade.



Os museus caracterizam por seus acervos pertencer a períodos remotos e que são expostos a visitas. No entanto, além de contar a história do passado por meio dos seus fragmentos, os mesmos via materialidade cultural narram histórias, reconstroem o passado de diversas maneiras.

É a partir desse pressuposto que podemos discutir sobre o potencial educativo de um museu, tendo em vista que não devemos considerar apenas atenção centrada nas exposições, mas na lógica, intrínseca a forma como esses narram, e constrói sentimentos compartilhados por uma determinada época histórica. Nesse sentido, torna-se relevante considerarmos o contato com esses documentos materiais, a partir do suporte comunicativo das exposições como um fator imprescindível para a constituição de uma memória e da preservação de um passado. (ALMEIDA & VASCONCELOS, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto percebemos o quanto é relevante os estudos em torno da educação museológica no ensino de história local, pois ao tomamos os museus como respaldo para o ensino de história compreendemos que esses recintos são guardiãs da memória campinense e, por isso devem ser evidenciados nos espaços escolares como uma forma de apresentar nossa cultura.

Além de despertamos os alunos para estudarmos a história de sua cidade, a educação patrimonial é vista também como uma forma dos estudantes despertarem para a preservação do nosso patrimônio, que muitas vezes passam por depredações prejudicando assim, os espaços de memória, a qual contém a identidade da sociedade.

Outro elemento que destacamos foi à importância do patrimônio, enquanto construto



da identidade local, através dos museus campinenses. A partir desse pressuposto buscamos compreendemos a relevância de trabalhar a educação patrimonial no ensino de história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: Bittencourt Circe. **O saber histórico na sala de aula**. . 11. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, Erica Andreza. **A relação entre Museu e escola**. 2009

HALL, Stuart. **A identidade na pós modernidade**. 2004.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do museu**. In: CADERNO de diretrizes museológicas. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º. Edição.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, Circe (Org). **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SUANO, Marlene. **O que é Museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.